

UM OLHAR SOBRE O AMOR NO OCIDENTE

Zuleica Pretto*
Kátia Maheirie#
Maria Juracy Filgueiras Toneli¶

RESUMO. Compreender a vivência amorosa como um acontecimento modificado conforme os diferentes arranjos históricos leva a considerar diferentes concepções de amor. Este artigo destaca concepções hegemônicas sobre o amor no Ocidente, desde os clássicos até a contemporaneidade, tendo como objetivo central investigar nas obras de Sartre e Beauvoir uma concepção acerca desse sentimento. Esta foi uma pesquisa de cunho bibliográfico cujas fontes utilizadas para estudo referem-se à literatura que retrata a historização do amor no Ocidente, bem como à análise de algumas obras de Sartre e Beauvoir. Como resultado, destaca-se a análise destes autores a respeito das diferentes concepções amorosas hegemônicas caracterizando-as como propiciadoras de experiências sadomasoquistas aos sujeitos, cerceadoras dos movimentos de objetivação e subjetivação de seus anseios. Por outro lado, pôde-se perceber a proposta dos autores de uma compreensão de amor e de relacionamento amoroso a partir de conceitos como projeto de ser, projeto comum, reciprocidade, comprometimento e liberdade.

Palavras-chave: Amor; relações sadomasoquistas; projeto.

A LOOK AT THE LOVE IN THE OCCIDENT

ABSTRACT. To understand the loving experience as a modified event by the different historical arrangements, lead us to consider different conceptions of love. This article detaches hegemonic love conceptions at the Western society, since the classics until nowadays, having as central objective to investigate in the Sartre and Beauvoir's works an existentialist theory of love. This was a bibliographical research whose sources show a portrait of the history of the love at the Western, as well as the workmanships of Sartre and Beauvoir. As result we can to detach the existentialist analysis regarding the different hegemonic loving conceptions characterizing them as suppliers of experiences which can be called sado-masochists and not satisfactory. On the other hand, we could perceive the proposal of the authors for an understanding of love and loving relationship from concepts of the existentialism as project of being, common project, reciprocity, compromise and freedom.

Key words: Love; sado-masochistic relationships; project.

UNA MIRADA EN EL AMOR EN EL OCIDENTE

RESUMEN. Incluir la experiencia cariñosa como un acontecimiento modificado como las distintas disposiciones históricas, lleva a considerar distintas concepciones del amor. Este artículo traslada concepciones hegemónicas sobre el amor en el Occidente, desde el clásico a contemporaneidad, teniendo yo como objetivo central investigar en las obras de Sartre y de Beauvoir una teoría existencialista correspondiente al amor. Ésta fue una investigación bibliográfica cuyas fuentes utilizadas para estudio se producen beneficio a literaturas que hacen el retrato de la historización del amor en el Occidente, así como las obras de Sartre y de Beauvoir. Como resultados se traslada l'ana existencialista acerca de las distintas concepciones cariñosas hegemónicas caracterizando el como generadores de experiencias de los sado-masoquistas a los temas, no realizables. Por otra parte, podríamos percibir la propuesta de los autores para una comprensión del amor y de relaciones cariñosas a partir de conceptos del existencialismo como proyecto de ser, proyecto común, reciprocidad, compromiso y libertad.

Palabras-clave: Amor; sado-masoquista relaciones; proyecto..

* Mestre em Psicologia. Professora do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Doutora em Psicologia Social. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

¶ Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

BREVE HISTÓRICO DE CONCEPÇÕES DE AMOR NO OCIDENTE

Realizando-se um breve histórico do amor no Ocidente¹, é possível perceber as diferentes configurações de amor produzidas pelos clássicos, pelo cristianismo, pela sociedade de cortesia (séc. XII), pelo amor-paixão romântico (XVIII-XIX) e pela contemporaneidade.

O Banquete de Platão foi o primeiro tratado filosófico sobre o amor, onde os caracteres do amor sexual são sublimados e generalizados, transcendendo a existência humana e adquirindo um caráter sagrado, extramundano e inato. Associado a categorias como o bem, a beleza e a sabedoria, demarca uma amizade estilística regulamentada pelo mundo das ideias.

Com o cristianismo, essa concepção ganha força e o amor continua idealizado como um fim em si mesmo; faz-se na negação da totalidade do ser humano, já que o corpo deve ser negligenciado e de novo sublimado em favor de um ideal absoluto. Submetido a preceitos de fé, o amor cristão transcende a vida pela filiação divina comum, ligado a Deus e negado aos homens, e busca assegurar a salvação e o paraíso aos sujeitos. Com esse fim, o amor se faz incondicional: tudo suporta, tudo releva, é sacrifício, abdicção e dedicação. Nesse campo, o casamento vai se configurando como o espaço mais apropriado para a realização do amor que tem como fim a propagação dos filhos de Deus pela constituição da família, e não como um meio para os homens adquirirem certa realização existencial. É um aprisionamento que vem com a paixão, a qual se confunde com o amor, que, ao mesmo tempo em que é irresistível, é um dever: todos devem amar e estabelecer uma conjugalidade em que os cônjuges, antes de tudo, devem ser companheiros – a boa esposa e o bom marido. A paixão, por sua vez, deve ser superada e bem dirigida, constringida através de normas e costumes.

Contrariando este cenário, surge no séc. XII o amor cortês, como uma recusa a normas e padrões estabelecidos pela Igreja e pela sociedade. Este amor aparece, por um lado, enfatizando o aspecto do amor-paixão enquanto sofrimento e desejo insatisfeito, residindo sua felicidade justamente na aceitação da própria renúncia carnal; e por outro lado, há uma laicização do objeto de amor, onde a mulher, “a dama”, entra em cena como objeto do amor inalcançável.

¹ A partir de leituras de Macfarlane (1990); Russell (1957/1969); Costa (1999); Costa (2005); Sartre (1943/2005, 1947/1968); Beauvoir (1949/1983, 1949/1990); Giddens (2003), Nóbrega (2005) entre outros.

O amor romântico ou amor-paixão, no final do século XVIII e início do século XIX, reunindo vários elementos dos tipos de amor descritos até aqui, enfatiza a tragédia do amor e acaba por não romper com o fundamento idealista, na medida em que é vivido de forma passiva e infeliz, sendo entendido predominantemente como sofrimento que recompensa a vida, uma vez que é sempre bom e justo. O amor ganha ainda mais centralidade para a existência do sujeito: não é mais uma possibilidade entre outras, mas constitui a justificação de sua existência. A função desse amor é libertar o sujeito da moral e das convenções sociais, uma vez que salienta a cisão entre o indivíduo e a cultura quando pretende a absorção de um parceiro no outro, exigindo exclusividade e, com isso, priorizando a esfera do casal.

A este romantismo idealista ocidental-cristão a perspectiva realista faz muitas críticas. Não acredita em seus preceitos básicos: o amor como universal e natural, pré-requisito de auto-realização pessoal; o amor como um sentimento que vem a nós e não de nós; o fato de que sem amor não existe felicidade, sendo que os sujeitos são estritamente responsáveis pelo seu desempenho e felicidade amorosa, independentemente da conjectura social, política e econômica imposta (negação da contingência); amor como uma experiência marcada pela forte tensão entre o dever e o amor, amor e razão, amor e destino, amor e liberdade; o amor que subtende a não diferenciação entre amor, paixão e atração.

Costa (1999) afirma, ainda, que “o amor romântico só frutificou onde a cultura burguesa impôs as regras da satisfação emocional individualista” (p.147) e acabou instituindo uma das contradições inerentes a essa concepção de amor: a vivência concreta era diversa da proposta amorosa, a qual foi se transformando em exigência para os amantes, elevando suas expectativas em relação ao parceiro e, por conseguinte, suas frustrações.

As teorias de Beauvoir (1990) e Sartre (2005, 1968) igualmente possibilitam refletir sobre as consequências do amor romântico e do idealismo na experiência amorosa contemporânea. Referindo-se ao amor-paixão observa Sartre (1968, p.55):

O amor-paixão glorificado pelo mito (de Tristão e Isolda) foi realmente no séc. XII, data de seu aparecimento, uma religião, em toda a força desta palavra, e, especialmente, uma heresia cristã historicamente determinada. Donde se poderá deduzir que a paixão vulgarizada atualmente pelos romances e filmes é apenas o refluxo e a invasão anárquica nas nossas vidas de uma

heresia espiritualista de que perdemos a chave.

Assim, segundo Sartre e Beauvoir, os relacionamentos amorosos fundamentados nessas perspectivas propiciam um projeto de sofrimento para os sujeitos, uma vez que pressupõem a renúncia de dois eus (singularidades) em prol de uma unificação irrestrita, abstrata e sagrada entre os parceiros. Para Sartre (2005), isso ocorre a partir de atitudes especiais como o sadismo e o masoquismo, ambos implicando a negação da liberdade e o aprisionamento dos amantes. Beauvoir (1990), por sua vez, destaca a negação das contingências e da existência concreta do outro, e a exaltação de aspectos deterministas nessas experiências amorosas, o que configura o amor como um destino na vida dos sujeitos, em especial para as mulheres, portanto, comprometendo assim, igualmente, uma experiência amorosa livre.

Este artigo dedica-se a destacar, após um olhar sobre diferentes concepções de amor no Ocidente e uma caracterização da experiência de intimidade e do individualismo na contemporaneidade ocidental, um olhar sobre a contribuição de Sartre e Beauvoir acerca do amor e os modos contemporâneos de vivê-lo. Desse modo apresentará, mediante uma perspectiva sartreana, a concepção de amor como uma relação sadomasoquista, a noção de reciprocidade e de projeto comum como contraposição a tal relação, bem como demarcará amor e paixão como elementos irreduzíveis numa relação amorosa.

O AMOR, A INTIMIDADE E O INDIVIDUALISMO NA CONTEMPORANEIDADE

Numa sociedade onde o sentimento íntimo é o padrão de realidade apropriado a diversas finalidades, reflete Sennet (2001), a dinâmica do narcisismo só pode receber uma posição de destaque e predominância. As relações, para serem válidas, devem ser autênticas e diretas, o que configura um padrão peculiar de troca mercantil em relações íntimas baseado mais no confessorário recíproco do que na construção de um futuro coletivo por meio de ações concretas.

Conforme Giddens (2003), a Modernidade provocou transformações pontuais na intimidade. A identidade torna-se um projeto pessoal reflexivo do eu, acarretando uma consciência geral quanto à necessidade do surgimento de novos modelos de amor, como o “amor confluyente”. Este, diferente do amor romântico, é uma abertura em relação ao outro, é ativo e contingente e entra em choque com as

categorias do “para sempre e único”. Cada parceiro busca se autorrealizar a partir da relação, respeitando os limites do outro, de modo que as diferenças sexuais devem ser extintas e o parâmetro para a continuidade da relação é a satisfação individual de cada um. É um amor permeado pela confiança e negociação mediante compromisso definido a partir de um contrato reflexivo e democrático.

Nesta perspectiva, no “relacionamento puro” (resultado do amor confluyente) o casal investe na relação pela própria relação, a qual só continua enquanto ambas as partes considerarem que obtêm dela satisfações individuais suficientes. Parte de uma reestruturação genérica da intimidade, paralela ao desenvolvimento da sexualidade plástica; sua tendência é de ser diádico, mais pela fé e confiança na integridade do outro que pela posse de exclusividade. A confiança é a criação de um laço para resistir a traumas futuros; ela é ajustada, significando renunciar às oportunidades de controlar o relacionamento ou de forçar as suas atividades dentro de um molde particular. Centrado no compromisso, o casal que vive um relacionamento dessa ordem deve, por atos e palavras, oferecer garantias do seu comprometimento com a relação.

Este tipo de amor e de relacionamento, como confirma Giddens (2003), em grande parte é influenciado pelo amor romântico do séc. XIX, principalmente no aspecto do isolamento do casal, atendendo a preceitos individualistas. Disso se infere que ele não demarca uma ruptura ou um novo tipo de relação, atendendo a um novo eu, como pretende o autor.

O casal igualitário descrito por Salém (1989), igualmente, em sua essência, acaba reproduzindo o amor idealista e seus valores, não demarcando, de fato, um novo modelo de amor, na medida em que a conjugalidade individualista-igualitária é o principal ideal do casal igualitário, em que a díade é objeto de reflexão, cultivo e investimento, sendo valorizada em detrimento de outras relações sociais, inclusive familiares, de forma a se bastar por si mesma. O casal assume ainda alguns princípios básicos que visam ao respeito às singularidades dos parceiros: a psicogenicidade (cada um tem uma lógica interna), a igualdade (que nega constrangimentos morais e diz sim à pluralidade de experiências) e a exigência das mudanças em busca da autoperfeição (a ousadia para fazer diferente).

A partir dessas considerações, é possível refletir, com (Pretto, 2008, p.192), que

(...) a ideologia do amor romântico, a racionalidade do casal igualitário e do

próprio amor confluyente indicam a noção de destino. Isso ocorre na medida em que possibilitam a crença de que o casal é constituído naturalmente e livre da situação social, fundado pelo desejo e escolhas puramente individuais (...) impõe uma visão determinista do amor, onde as pessoas independente do que fazem e pensam irão viver a mesma história amorosa.

Ainda sobre os relacionamentos na contemporaneidade, Costa (1999) refere-se à “tempestade narcísica e consumista” atual como definidora da forma como os relacionamentos amorosos são vivenciados. O amor está sendo atravessado por aspectos como consumismo, prazeres imediatos e fugazes: “é a era das sensações, sem memória e sem história” que está suplantando a “era dos sentimentos, do gosto pela introspecção e por histórias sem fim de apostas ganhas e perdidas” (Costa, 1999, p.21). Há um grande comércio de imagens e sensações onde se ancora a identidade amorosa dos sujeitos. Assim, experimentações, modelos publicitários de ser, drogas legais e ilegais, poder de compra, cuidados corporais - enfim, imagens televisivas - passam a construir subjetividades. O culto narcísico de si implicaria objetivamente em economia psíquica, em não se expor, em não correr riscos existenciais, no imediatismo, em grandes expectativas tanto em relação a si quanto ao outro, o que gera ansiedade e frustrações, porque nunca somos o que deveríamos ser, e tudo o que fizemos é sempre insuficiente.

Bauman (2004), quando retrata a vida moderna como “líquida”, destaca a fragilidade, insegurança e efemeridade que caracterizam os vínculos afetivos e que constituem o que chama de “amor líquido”:

(...) nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos e deveres aos vínculos e liames, espaciais e temporais. Vínculos e liames tornam “impuras” as relações humanas – como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instância obsolescência do objeto consumido (Bauman, 2004, p.65).

Nesse contexto “líquido”, afirma o mesmo autor (2004), os termos relacionar-se e relacionamentos são substituídos por conectar-se e ser conectado e o termo parcerias, por redes, o que garante um ligar-se e desligar-se da relação mais fácil e veloz. Diante de uma vida consumista que promove leveza, velocidade,

novidade e variedade, os relacionamentos, conseqüentemente, tendem a ser efêmeros e descartáveis, atendendo a um movimento de individualização, onde predominam as satisfações particulares.

Este seria o perfil do amante narcísico atual, e sobre ele se cria o sujeito amoroso: as paixões são imediatas e desvinculadas do eu; o ideal de perfeição institui um comportamento de espera e de “ainda não”, o amor é predominantemente vivenciado como sofrimento; há confusão entre o par sentimento e felicidade e o par prazer e aventura; a noção de pertencimento se tornou uma aquisição, e não um legado cultural gratuito; a vaidade e o capricho impostos pelo amor romântico predominam em detrimento da camaradagem e da responsabilidade, noções estas entendidas como advindas da vida em sociedade ou da vida pública.

Destarte, responsabilidade e compromisso são investimentos e riscos existenciais que as pessoas na contemporaneidade parecem não estar dispostas a assumir. São valores que rompem com o imediatismo, na medida em que envolvem uma temporalidade, em especial um futuro, caracterizando-se como valores que se tornaram sacrifício e não condição sobre a qual a realidade humana é construída.

Segundo Costa (1999), talvez esta identidade seja mais volátil do que se imagina na modernidade, com vistas ao maior prazer possível. O autor aponta que se trata de recriar novas formas de viver o amor, evitando-se o risco de perdê-lo de vista, o que indica a necessidade de repensar o que significa o outro, companhia, felicidade, ideal imortal. Chama a atenção para o amor como uma crença inventada, uma opção, e não um mandamento, em que as promessas de felicidade de amor dificilmente encontram eco nas singularidades reais.

UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES AMOROSAS PREDOMINANTES A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA SARTREANA: O AMOR COMO UMA RELAÇÃO SANDOMASOQUISTA

A partir de uma leitura de Sartre (2005) é possível realizar uma análise sintética das concepções de amor oferecidas pelo platonismo, pelo cristianismo e pelo amor romântico predominantes na sociedade ocidental-cristã. O autor analisa a experiência amorosa a partir de atitudes que intitula de sadismo e masoquismo, as quais, como consequência, caracterizam a relação amorosa como sadomasoquista - ou seja, são relações que evocam um projeto de sofrimento divulgado pela racionalidade cristã no

qualmou eu renuncio à minha subjetividade ou renuncio à do outro. Tal renúncia ocorre na forma do amor como um projeto de unificação e fusão de dois eus, o que é ontológica e psicologicamente impossível. Tal impossibilidade de anular o outro enquanto liberdade é que provoca no amante a busca por aprisionar e metamorfosear a liberdade alheia.

A partir da atitude masoquista, o amado projeta ser absorvido pelo outro e perder-se na subjetividade dele, para se desembaraçar da sua. Conforma-se em permanecer como objeto, renuncia a si próprio como *Para-si* (liberdade) para deixar-se fundar pelo outro como um *Em-si* (objeto). Sofre nas mãos do outro para evidenciar sua condição totalmente submetida à liberdade do outro.

A atitude sádica é o oposto disso. A renúncia não é mais a si mesmo, mas sim, à transcendência do outro. O amado detém-se em aprisionar o outro na facticidade, na contingência, como corpo aprisionado e, assim, vale dizer, como subjetividade coisificada.

Se o amante projeta realizar a unidade com o outro, isso significa que projeta assimilar a alteridade do outro, enquanto tal, como sua possibilidade própria. Assim, nega que o outro o constitui e quer torná-lo idêntico a si, capturando sua liberdade. Entretanto, fracassa em seu intento, pois “a unidade com o outro é irrealizável de fato. Também o é de direito, porque a assimilação do Para-si e do outro em uma única transcendência envolveria necessariamente a desaparecimento do caráter de alteridade do outro” (Sartre, 2005, p.456).

Seguindo esse caminho, o amante almeja ser a ocasião única e privilegiada de uma modificação radical da liberdade do outro. Exige, assim, um modo de apropriação especial do parceiro: uma liberdade que não seja mais livre. Quer, ao mesmo tempo, que a liberdade do outro se determine a si própria a se converter em amor a cada instante da relação.

Por conseguinte, o amado não é visto como um outro, como um Eu no meio do mundo, referência indispensável de sua constituição enquanto sujeito, mas sim, [o amante] quer ser o objeto no qual a liberdade do outro aceita perder-se, o objeto no qual o outro aceita encontrar, como sua segunda facticidade, o seu ser e sua razão de ser; quer ser o objeto-limite da transcendência (Sartre, 2005, p.458/9).

Dessa maneira alcança seu objetivo: está seguro na consciência do outro, isento de qualquer desvalorização e juízos de valor. Como objeto-transcendência, é um centro de referência absoluto, onde os utensílios e instrumentos lhe são negados e ele se torna a própria condição do surgimento do mundo; é o mundo, ao fim das contas, já que tudo deve passar

por ele e “a liberdade do outro deve metamorfosear-se absolutamente para dar-me acesso ao estado de amado” (Sartre, 2005, p.461).

A partir dessas posturas, o amante não é mais sujeito que transcende, passa a ser absoluto. Não está no mundo - entre as coisas - correndo risco, permitindo que o outro o objetive e transcenda a outras possibilidades alheias às de seu cativo: pelo contrário, é o mundo que contém em si todas as possibilidades próprias e as do outro. Tudo deve estar condicionado à sua facticidade, àquilo que é, pois além dela não há nada.

O amor, assim vivenciado, almeja ser uma justificação da existência, onde os amantes isentam-se de fazer alguma coisa de si, de se criar e de criar o mundo. Assim, escreve Sartre,

(...) em vez de nos sentirmos, como antes de sermos amados, apreensivos por esta protuberância injustificada e injustificável que era nossa existência, em vez de nos sentirmos supérfluos, agora sentimos que esta existência é recuperada e querida em seus mínimos detalhes por uma liberdade absoluta, a qual nossa existência ao mesmo tempo condiciona e nós mesmos queremos com nossa própria liberdade. Este, o fundo da alegria do amor, quando existe: sentimos que nossa existência é justificada (Sartre, 2005, p. 463).

Neste sentido é que Sartre caracteriza essa tentativa de relação sadomasoquista como uma relação fracassada: primeiro, porque possibilita apenas satisfação imediata e perempta; e segundo, porque os sujeitos não sentem suas existências validadas ou legitimadas pelo outro, ou seja, não se relacionam como dois sujeitos, mas como sujeito e objeto². Este seria o principal motivo de insatisfação e desconforto nos relacionamentos amorosos, na medida em que é impossível ao ser humano, sendo para-si, cristalizar-se: o amado não pode negar sua liberdade e a do outro, dado que é esta liberdade que passa pelo outro, que o outro fundamenta, mas que por ela é responsável.

Historicamente, a submissão das mulheres, como bem observa Beauvoir (1983, 1990), tentou colocá-las como objeto - portanto, inessenciais - perante o sujeito, o essencial, que seria o homem; ou seja, elas para eles eram outros, mas não outros eus, e, por conseguinte, nunca eram reconhecidas como sujeito de suas histórias. A relação, portanto, dificilmente

² Essa oscilação é parte da relação, ora o amante se faz sujeito, ora se faz objeto. Porém o que Sartre está criticando é a cristalização em um dos dois pólos da existência.

superava a dualidade objeto-sujeito. Ao referir-se ao que designa “a mulher amorosa”, Beauvoir (1990) assinala que o modelo de mulher predominante restringia as mulheres à função amorosa, sobre a qual elas construam o seu Eu no mundo permeado por sonhos, isto é, abdicando de seus outros perfis, tornavam o perfil amoroso hegemônico, o que acarretava grandes níveis de exigência em relação aos homens e, assim, grandes frustrações.

Outra imposição desse modo de relação amorosa é a negação da contingência e a exaltação do aspecto determinista do amor. As escolhas amorosas não devem ser relativas e contingentes, uma vez que o amante julga-se desvalorizado quando pensa que o amado o escolheu entre outros. Isto também foi visto no amor romântico descrito por Costa (1999), em que o amante sente-se como única possibilidade do outro, não escolhido, mas determinado:

(...) então se eu não tivesse vindo a esta cidade, se não houvesse frequentado a casa de fulano, você não teria me conhecido, me amado? Tal pensamento aflige o amante: seu amor torna-se um amor entre outros, limitado pela facticidade do amado e por sua própria facticidade, ao mesmo tempo que pela contingência dos encontros; torna-se amor no mundo, objeto que pressupõe o mundo e pode, por sua vez, existir para outros (Sartre, 2005, p.462).

A RECIPROCIDADE E O PROJETO COMUM EM SARTRE COMO CONTRAPOSIÇÃO À RELAÇÃO SANDOMASOQUISTA

Em contraposição à ideia da busca de unificação de dois eus, isto é, à tentativa de apropriação um do outro, torna-se possível pensar sobre o compartilhamento de dois eus na relação amorosa. Nem egoísmo, um caminho tentador dentro do individualismo, nem altruísmo incondicional, uma obrigação dentro do cristianismo.

Para tal, torna-se necessária a legitimação da existência do outro enquanto outro na parceria. Diferente de si, nem metade, nem parte, mas outra totalidade. Sendo outra liberdade no mundo, o outro deve aparecer como um sujeito que se faz um projeto singular, particularizado em uma história particular, construído a partir do contexto histórico-cultural no qual está inserido, que sustenta sonhos, desejos, temores e limites próprios. Logo, a relação acaba demarcando um encontro de dois projetos de ser diversos e vai constituindo-se como uma tentativa de entrelaçá-los em um projeto comum, sem constranger

ou extinguir as singularidades. Inserindo-se como parte importante do projeto pessoal, o amor caracteriza-se por ser um processo, construído num horizonte temporal, que envolve passado, presente e futuro, significado pelo contexto histórico.

Da mesma forma que para o sujeito singular, o futuro torna-se definidor para a parceria; ou seja, é sobre metas, planos, objetivos e estratégias que os amantes estruturam e atribuem sentido à sua “união”. É transcendendo o plano dos prazeres e alegrias imediatas, em função de uma felicidade que se projeta duradoura, de compromissos e escolhas com a própria existência de cada um e do casal, bem como a partir de pequenas realizações nesse percurso, que os parceiros buscam realizar-se como amantes. Nesse sentido, a direção para qual caminham, os princípios e desejos que estabelecem para si e para o mundo, não podem ser antagônicos e incompatíveis.

Para Sartre (1978), o projeto original pode sempre ser desviado, modificado. Isso é possível porque o projeto depende do campo de instrumentos ou mediações de que o sujeito dispõe para constituir-lo (Maheirie & Pretto, 2007). Podemos inferir que os amores felizes envolvem pequenos desvios de projeto, na medida em que os amantes se fazem mediação apropriada para cada um. Já nos ditos “amores malsucedidos” isso não ocorreria. Nestes, os amantes se colocariam mais como obstáculos e dificuldades para a realização existencial de cada um, o que resultaria em experiências de insatisfação e angústia na relação.

O amor exige, assim, o reconhecimento do outro enquanto liberdade e de si próprio como liberdade. O amado, nas palavras de Beauvoir, realiza um “intermédio de si a si” (1990, p.437), ou seja, o amor se constitui na exata medida em que um sujeito se faz mediação para o outro sujeito. Mediar, neste caso, é dar instrumentos para lançar o outro para o futuro desejado, para aquilo que escolheu ou acha importante ser, seja por meio de incentivos, solidariedade, cumplicidade, seja por meio de críticas.

A relação, nesta ótica, deve ser caracterizada por acontecimentos que transcendam a objetividade que cada qual se faz para o outro, criando um espaço onde os parceiros possam dirigir-se àquilo que não são, não se contentando em ser apenas o que são. Por fim, seria um grande investimento existencial compartilhado de igual para igual, em que se aprenderia e se ensinaria por meio das diferenças.

Como consequência, esse amor rompe com o projeto de solidão e sofrimento imposto pelo modelo predominante de amor ocidental. Superando o individualismo, por um lado o outro não é negado, mas antes reconhecido como mediação para o amante

ser no mundo, sendo visto como alguém que, como ele, está inserido na mesma coletividade, dirigindo-se para um futuro não determinado; e por outro lado, também supera o cristianismo, na medida em que o amor não é uma obrigação e uma entrega incondicional, mas sim, uma escolha e uma troca existencial.

No amor individualista, é comum o casal restringir a relação ao plano informativo, instituindo um cotidiano caracterizado mais pela divisão de tarefas que pela reciprocidade e comprometimento existencial. A reciprocidade envolve o compartilhar, que, por sua vez, envolve a comunicação entre os parceiros, o que só é possível a partir da presença de dois eus, de duas liberdades não submetidas. O comprometimento reside no plano do tecimento entre dois sujeitos, em que estes são cúmplices na construção da história, compartilhando o caminhar, estabelecendo um entrelaçar de seus princípios e sendo capazes de criar e recriar, conscientes da responsabilidade com sua existência e com a do outro.

O amor, assim entendido e vivenciado, acaba por romper também com a ideia de hegemonia do amor na vida dos sujeitos, adaptando as expectativas destes às reais possibilidades da empreitada amorosa. O amor não mais consiste na justificação da existência, sendo, antes disso, um aliado, entre outras tarefas, na busca de realização existencial. “Amar é apenas um aspecto da transcendência: ama-se fora de si, junto de outro; aquele que ama depende do outro até ao centro de sua existência” (Sartre, 1947, p.61).

Uma existência exige outros perfis do sujeito, além do amoroso - por exemplo, o de filho, o de pai, o de profissional, o de amigo, o de irmão, dependendo da história particular de cada um. O amor é amor em contexto, é uma escolha entre outras escolhas, que se dá em face de outras categorias sociais e ideológicas e se condiciona a momentos e situações específicos da vida de cada um. Como diz Beauvoir (1990, p. 423), “o amor autêntico deveria assumir a contingência do outro, isto é, suas falhas, seus limites, sua gratuidade original; não pretenderia ser uma salvação e sim uma relação inter-humana”. Acrescenta ainda,

(...) deveria assentar no reconhecimento recíproco de duas liberdades; cada um dos amantes então se sentiria como si mesmo e como o outro: nenhuma abdicaria sua transcendência, nenhum se mutilaria; amados desvendariam juntos no mundo valores e fins. Para um e para outro, o amor seria uma revelação de si mesmo pelo dom de si e o reconhecimento do universo (1990, p.436).

Em outras palavras, cada um sentiria a importância e a responsabilidade de sua singularidade dentro de uma coletividade em curso.

AMOR E PAIXÃO COMO ELEMENTOS IRREDUTÍVEIS NUMA RELAÇÃO AMOROSA

Outro aspecto importante a ser esclarecido quando se pensa o amor é relativo à confusão causada pela falta de diferenciação entre sentimento e emoção. Estas são possibilidades afetivas diferentes³, que podem ocorrer isoladamente a um sujeito e ao mesmo tempo, juntas, podem caracterizar uma relação.

Enquanto o amor implica sínteses reflexivas a partir da história de vida de cada um, adquirindo caráter de duração e permanência, de adaptação e equilíbrio, a atração e a paixão acontecem em um plano mais irrefletido, sem a mediação de uma reflexão crítica, embora significadas pela história de cada sujeito, uma vez que, como evidencia a teoria sartreana (2006), a vivência da afetividade depende da história de cada sujeito.

Nesse sentido, é possível o amor (um sentimento), sem que a paixão e a atração (emoções) estejam presentes o tempo todo entre os parceiros, porque o amor não está alicerçado em prazeres imediatos, mas sim numa temporalidade histórica sintetizada por um eu, que, por isso mesmo, envolve toda a constituição do sujeito. É também assim que se faz possível aos parceiros sentirem atração ou paixão por um terceiro personagem sem que isso abale o amor ou o destrua.

Sartre (2006) afirma que o sentimento ultrapassa a consciência particular, vai além daquilo de que o sujeito se ocupa imediatamente, constituindo-se como o sentido que unifica as diversas consciências atrativas e emotivas ocorridas na temporalidade presente, passada e futura. Logo, o sentimento amoroso ocorre em cada movimento de atração e paixão, entre outros, mas ao mesmo tempo não é nenhum deles, não se esgota em nenhum deles: escapa à atração e à paixão momentâneas, afirmando sua permanência, sua estabilidade, para além dessas consciências particulares.

A partir disso, é possível afirmar que o amor é antes um sentido transcendente, fruto de experiências prazerosas diversas na vida dos sujeitos; isto é, ele vai se constituindo a partir de sínteses constantes e dinâmicas de consciências satisfatórias e positivas, tais

³ Para Sawaia (2008), a afetividade é entendida como algo que oferece tom e cor à existência dos sujeitos e se apresenta como sentimentos e emoções.

como alegria, admiração, atração, paixão, desejo, solidariedade, cumplicidade, que vão se configurando em práticas tais como cuidado com o outro, carinho, preocupação e companheirismo, as quais são significadas pelo contexto sociocultural em que vivem os parceiros, pela história particular de cada um e pelo desejo futuro de ambos.

Por conseguinte, o amor pode englobar a paixão e a atração, porém difere delas, na medida em que lança mão de reflexão e julgamentos, vislumbrando o amado de forma mais totalizada, com seus dissabores e suas qualidades. Aproxima-se mais de um estado de tranquilidade e satisfação, em contraposição ao estado de excitabilidade propiciado pela paixão e atração.

A paixão caracteriza-se por ser uma emoção, em que o objeto emocionador e o sujeito emocionado não se diferenciam, quer dizer, o sujeito emocionado está mergulhado no objeto que o emociona, sem distanciamento do eu; é, antes, uma forte excitação, que ocorre como reação cúmplice da situação, que altera e modifica a si própria e a realidade magicamente⁴. Na emoção, diz Sartre, "é o corpo que, dirigido pela consciência, muda suas relações com o mundo para que o mundo mude suas qualidades" (2006, p. 65). Isto é, confiro aos objetos, magicamente, a qualidade que desejo, passando a acreditar nelas. Sartre expõe um exemplo da alegria como uma emoção frequente e comum numa situação em que o apaixonado quer possuir a amada:

(...) a alegria é um comportamento mágico que tende a realizar por encantamento a posse do objeto desejado como totalidade instantânea. Essa conduta é acompanhada da certeza de que a posse será realizada cedo ou tarde, mas ela busca antecipar essa posse. As diversas atividades da alegria, assim como o aumento do tônus muscular, a ligeira vasodilatação, são animadas e transcendidas por uma intenção que visa o mundo através delas. Este aparece como acessível, o objeto dos nossos desejos revela-se próximo e fácil de possuir. Cada gesto é uma aprovação mais marcada (...) representam condutas simbolicamente aproximativas, encantamentos. Através delas, o objeto – que não se poderia ter realmente senão por condutas prudentes e apesar de tudo, difíceis – é possuído de uma vez só e simbolicamente (...) (Sartre, 2006, p. 72/73).

⁴ O mundo mágico é um estado em que as determinações da realidade sofrem modificações imaginárias atribuídas pela emoção do sujeito (Sartre, 2006).

A paixão, assim, é imediatista, pois pretende absorver absolutamente o objeto num instante, e ao mesmo tempo, tem a particularidade de selecionar no objeto em questão aspectos que são admiráveis e apaixonantes, tornando-os absolutos, reduzindo a totalidade do amante a essa seletividade e desprezando o que lhe desagradava. A partir disso, o apaixonado pode passar a não medir esforços nem respeitar limites para atingir seu objeto de desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva teórica de Sartre, o eu é essencialmente um vir-a-ser, um constante criar-se, inventar-se, e aparece como decorrência de uma liberdade situada em um contexto histórico e relacional específico. Tendo isso, podemos inferir que, a partir das relações que o eu estabelece, ocorre a possibilidade do aparecimento do amor, bem como a maneira de ele existir e sua importância para uma existência. Desse modo o amor, como uma das possíveis relações que os sujeitos estabelecem entre si, extravasa as individualidades para se inserir na arena social, política, ideológica de uma época histórica, sendo, justamente, a partir dessa totalidade de olhares que adquire função, significação e sentido.

Vimos que, conforme a condição histórica, apresentam-se maneiras diversificadas e predominantes de considerar o amor e sua implicação na experiência cotidiana de cada sujeito e na organização da sociedade; porém, não partindo de uma concepção de história puramente cronológica, entendemos que tais maneiras se articulam de forma contraditória no cotidiano contemporâneo, o que impõe aos sujeitos a necessidade de recriar possibilidades.

O que percebemos é que nem sempre tal criação se constitui como um processo simples, pois as demandas, muitas vezes impossíveis de conciliar, chegam aos sujeitos com forças igualitárias, exigindo que eles desejem e sonhem com uma parceira inatingível e ideal; uma parceira exclusiva e única que, quando aparecer "justificará sua existência", pela qual poderia morrer e matar (tal como dita o amor-paixão e romântico); com a qual seja possível o casamento sagrado, que dure "para sempre" com vistas à constituição do lar e da família (como seduz o cristianismo); ou, de outra maneira, que possibilite certa libertinagem, seja aberto a novas experiências, que dure enquanto agradar, que possa ser facilmente descartado e trocado (tal como preconiza o amor consumista e fluído da modernidade).

Por ora, é possível vislumbrar uma perspectiva em que as demandas que incitam no sujeito o desejo, mais afetivo-reflexivo, pela parceria por meio de um projeto comum, no qual esta parceira se faça mediação que o leve a transcender sua condição, por possibilitar-lhe a experiência de uma liberdade que lhe é de direito.

Nesse sentido, concordamos com Costa (1999) quando propõe que o amor pode ser vivido como um sofrimento para os sujeitos, na medida em que os torna vulneráveis à própria contradição histórica. Esta contradição precisa ser vivida, sentida, experienciada e refletida criticamente pelos sujeitos, possibilitando, com isso, escolhas e experiências amorosas mais abertas à alteridade, mediadoras dos sujeitos em seus projetos de ser, contribuindo na construção de novas perspectivas relacionais em contextos histórico-culturais específicos.

REFERÊNCIAS

- Bauyman, Z. (2004). *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Beauvoir, S. de. (1983). *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. (S. Milliet, Trad.). São Paulo: Círculo do Livro, v.1.
- Beauvoir, S. de. (1990) *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. (S. Milliet, Trad.). 9ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.2.
- Costa, J. F. (1999). *Sem fraude nem favor – estudos sobre o amor romântico*. 5.ed. Rio De Janeiro: Rocco.
- Costa, S. (2005). Romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos Estudos – CEBRAP*, 73, 111-124.
- Giddens, A. (2003). *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Macfarlane, A. (1990). *História do Casamento e do Amor – Inglaterra (1300-1840)*. (P. Neves, Trad.). Companhia das Letras. p. 185 – 218.
- Maheirie, K., & Pretto, Z. (2007). O Movimento Progressivo-Regressivo na Dialética Singular e Universal. *Revista do Departamento de Psicologia (UFF)*, 19(2), 455-462.
- Nóbrega, S. M. da, Fontes, É. P. G., & Paula, F. M.S. M. de. (2005). Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. *Estudos em Psicologia*. 22(1), 77-87.
- Pretto, Z. (2008). O Velho Atualizado, o Novo Reinventado: homens, masculinidade tradicional hegemônica e relações amorosas. In: Lago, M. C. S., Toneli, M. J. F., Beiras, A., Vavassori, M. B. & Müller, R. C. F. (Orgs.), *Gênero e pesquisa em psicologia social* (pp. 183-195). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Russell, B. (1969). *O Movimento Romântico. Em História da filosofia Ocidental*. Livro Quarto. (pp. 219-229). (B. da Silveira, Trad.). São Paulo: Companhia Editora Nacional.(Obras Completas).
- Salém, T. (1989). O Casal Igualitário: Princípios E Impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 9. v. 3., fevereiro.
- Sartre, J. P. (1978). *Questão de Método* (pp. 109-191). (V. Ferreira, Trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).
- Sartre, J. P. (2005). *O Ser e o Nada: ensaio de fenomenologia ontológica*. (P. Perdigão, Trad. e notas). 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Sartre, J. P. (2006). *Esboço de uma teoria das emoções*. (Paulo Neves, Trad.). Porto Alegre: L. & P. M. Pocket Plus).
- Sartre, J. P. (1968). Denis de Rougemont: o amor e o Ocidente. In: *Situações I*. (R. M. Gonçalves, Trad.). Editora Publicações Europa-América.
- Sawaia, B. (2008). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. (pp. 97-118). In: Sawaia, B. (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8ª. Ed. São Paulo: Vozes.
- Sennet, R. (1998). *O declínio do homem público – As tiranias da intimidade*. (L. A. Watanabe, Trad.). 7. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em 06/09/2007
Aceito em 31/03/2009

Endereço para correspondência : Zuleica Pretto. Av. Campeche, 1157, Bl. A1, apto 206, Campeche, CEP 88063-300, Florianópolis-SC, Brasil. *E-mail:* zuleicapretto@yahoo.com.br